



# INTERSECÇÕES ENTRE OS CAMPOS DA VISUALIDADE E DA SONORIDADE: UM RELATO DE COMO A ARTE-EDUCAÇÃO PODE CONTRIBUIR NO DESAFIO DE EXPERIMENTAR, CRIAR E PESQUISAR

Laura Aparecida Teixeira Ferreira Braz<sup>1</sup>  
Beatriz Costa Nogueira<sup>2</sup>  
Manuela Guimarães Villa Nova<sup>3</sup>  
Sara Milena Ferreira Rego Lima<sup>4</sup>  
Thaís Faria da Silva<sup>5</sup>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca relatar as experiências que as bolsistas e voluntárias, Beatriz Nogueira, Laura Aparecida Braz, Laura Caetano, João Vitor Barroso, Manuela Guimarães, Sara Lima e Thaís Faria, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) tiveram com a criação e realização de oficinas pensadas a partir da troca entre o Pibid Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o Pibid Artes e Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em que, através de encontros pela plataforma Zoom, foram debatidas questões que perpassam os universos da Música e das Artes Visuais.

Motivados por tal parceria, alguns dos integrantes do Pibid Artes UERJ organizaram-se a fim de desenvolver oficinas capazes de integrar os campos da visualidade e da sonoridade. Dentre os projetos criados, três foram apresentados no Festival do Conhecimento “Poéticas do sentido entre Sonoridades e Visualidades: Dialogando desde as experiências de iniciação à docência”, realizado virtualmente pela UFRJ, cada um com a sua linha específica de investigação: o primeiro inspirado no trabalho do artista Guilherme Vaz, busca estimular a pesquisa dos sons produzidos pelos mais cotidianos e diferentes objetos ou ações; o segundo, que pretende fomentar um estudo prático sobre a teoria e psicologia das cores por meio de

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [lauraaparecidabraz@gmail.com](mailto:lauraaparecidabraz@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [bcnogueira7@gmail.com](mailto:bcnogueira7@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [gmanuela0807@gmail.com](mailto:gmanuela0807@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [sara.milena10@gmail.com](mailto:sara.milena10@gmail.com);

<sup>5</sup> Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [fsthais2@gmail.com](mailto:fsthais2@gmail.com).



ações nos campos do movimento corporal e percepção sonora; e o terceiro, que objetiva apresentar aos alunos possíveis convergências entre o universos da música e do desenho, através de uma atividade que trabalhe as relações de assimilação e transferência.

As atividades aqui expostas procuram explorar propostas multidisciplinares, valorizando a ludicidade e autonomia dos alunos. As três oficinas foram idealizadas para o atual contexto de isolamento social e ensino remoto. Em suma, a proposição e realização de todas as oficinas resultaram em uma pesquisa e experiência pedagógica, que buscaram explorar a sensibilidade e sinestesia que há em todos nós, gerando vastos debates e reflexões acerca do tema, tanto por parte dos alunos, quanto dos bolsistas.

## **METODOLOGIA**

Tendo em vista a evasão escolar, houve uma preocupação em desenvolver metodologias que estimulassem os estudantes à produção criativa de forma leve e acessível, que priorizassem a atuação discente dentro do seu próprio processo de aprendizagem sensível. As metodologias aplicadas em cada oficina trabalham gestos artísticos que impulsionam a autonomia do aluno a partir do incentivo à experimentação curiosa, ao passo que integra o indivíduo com os aparelhos digitais e suas vantagens dentro da pesquisa artística.

Na oficina “Visualidade Sonora: O ruído como imagem”, elaborada por Beatriz Nogueira, é abordada a experimentação de gestos artísticos no cotidiano, ampliando o olhar sensível para objetos e ações que nos cercam e possibilitam a produção de múltiplos sons, tendo como referência a obra “Música para paredes” de Guilherme Vaz.

É proposto que os alunos experimentem ações como bater, arrastar, cair, jogar, arranhar, entre outros, em superfícies que os cercam, atentando-se para os sons que cada elemento é capaz de produzir, procurando realizar conexões entre visualidades e sonoridades. A obra de Vaz mostrou-se certeira: o som "tirado" de uma superfície reverbera sua imagem assim como a imagem evoca seu som, sendo assim, a oficina perpassa esses conceitos de forma prática.

Já a oficina “Sons, cores e movimentos”, idealizada e concretizada por Laura Caetano, Sara Lima e Thaís Faria, trabalha a criação de relações entre sons, cores e movimentos. Tendo como base o estudo teórico das cores e a pesquisa de Wassily Kandinsky, busca-se explorar a potência sinestésica a partir da experimentação sensível e afetiva, abrindo espaço para reflexões e debates.



O corpo é instrumento fundamental na realização da segunda oficina, pois é o fio condutor da experiência, que ao apropriar-se do meio torna-se meio instrumental capaz de relacionar a plasticidade sonora e visual de forma orgânica.

E, por último, a oficina “O Traço das Notas: uma pesquisa sobre as intersecções entre sonoridades e visualidades na sala de aula”, criada por Laura Aparecida Braz, Manuela Guimarães e João Vitor Barroso, busca a tradução do sonoro em visual baseando-se nas sensações e emoções sentidas ao escutar determinadas músicas buscando, assim, estimular a percepção e transferência por meio de uma relação entre a plasticidade sonora e a materialidade visual.

Através da última oficina, os alunos são convidados a reaprender e reapoderar-se dos sentidos táteis visuais, de forma a ampliar o olhar artístico sobre os diálogos possíveis entre musicalidade e materialidade. Usando como base o livro de Kandinsky "Ponto, Linha, Plano: Contribuição para a análise dos elementos picturais", o trabalho "Two stage transfer drawing: Advancing to a Future State" de Dennis Oppenheim, e brincadeiras infantis de adivinhação, é proposto que, por meio de materiais de fácil acesso, o aluno consiga transpassar para o papel, através de desenhos abstratos, a sensação sentida ao escutar determinada música.

As oficinas têm por objetivo a desconstrução de um fazer artístico elitista distante, buscando sempre fontes alternativas e acessíveis que aproximem os discentes do processo de aprendizagem através de práticas sensíveis que o coloquem como protagonista.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Como se relacionam visualidades e sonoridades? Que sensações cabem e podem ser transmitidas em um som ou em uma música? Como encontrar recursos gráficos capazes de transportar essas sensações, por exemplo, para o papel ou para um movimento? Ou, até mesmo, será possível que consigamos extrair dos objetos materiais mais cotidianos essas próprias sensações? Motivados por essas e outras perguntas, as licenciandas desenvolveram pesquisas que contemplassem as diferentes linguagens artísticas.

Ao elencar as relações plásticas e conceituais entre as materialidades sonoras e visuais, foram feitos diversos exercícios de abstração em busca desse encontro entre ambas as partes, que fizesse sentido para um contexto de Ensino Médio. Cada pesquisa partiu de uma ideia geral de senso comum do que seria o visual e o sonoro para que, então, a partir da desconstrução de ideias prontas e do incentivo a um trabalho imagético poético, pudessem transformar-se em conceitos simples que funcionassem como elementos disparadores como,



por exemplo, o uso de gestos artísticos como fator instigante de uma busca gestual sonora-visual; o campo da performance como norteador e ampliador da bagagem estética discente; e o desenho como porta de abertura para as possibilidades de ilustração de sonoridades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na oficina “Visualidade Sonora: O ruído como imagem”, o resultado final se dá por meio de um vídeo do processo de realização, além de diversas reflexões teóricas. O vídeo serve para mostrar a plasticidade dos sons gerados, brincando com velocidades, sobreposições de áudio, efeitos visuais e/ou sonoros, etc. Inicialmente há um choque, por exemplo, sobre como bater em paredes pode ser considerado arte, ou ainda, como aquilo pode ser considerado música. O interessante é observar como ao longo do processo essas verdades prontas vão sendo desfeitas, pois o aluno percebe que não é necessário materiais artísticos específicos para fazer arte, posto que objetos cotidianos detém tamanha capacidade de transformação sensível. O choque com o novo é fator imprescindível dentro do processo criativo. Portanto, a oficina possibilita não somente a exploração do fazer artístico, ao passo que incentiva o aluno a ser protagonista nesse processo, como também amplia o olhar sobre o mundo e suas experiências estéticas.

Na oficina “Sons, Cores e Movimentos”, o resultado se apresenta por meio de alguns passos: um desenho, uma fotografia de objetos, movimentos e sons ou músicas, além de extensas reflexões sobre a cor e suas relações com o cotidiano. As propostas e materiais escolhidos tem o intuito de propiciar uma experiência lúdica e prática dentro das limitações impostas pelo contexto, seja através dos vídeos disponibilizados, do momento de olhar para seu entorno em suas casas ou, ainda, da proposta de usarem sua criatividade e sensibilidade para criar relações entre cores, sons e movimentos e para compartilhar o que criaram através de vídeos, áudios e fotos. Além de aproximar os participantes de conceitos ligados à cor e apresentá-los às ideias de Kandinsky, essa oficina propõe reflexões e trocas sensíveis, explorando o sensorial e a sinestesia existentes entre os campos das sonoridades e visualidades. Assim, busca uma conexão com o ambiente em que os alunos vivem e com seus próprios corpos.

Na oficina “O traço das Notas: uma pesquisa sobre as interseções entre sonoridades e visualidades na sala de aula”, o resultado final são alguns desenhos e muita reflexão sobre a relação da música e do traço. Alguns indivíduos se sentem mais à vontade no papel de desenhista e outros no papel de adivinhador, o que mostra como cada um tem maior afinidade



com um aspecto específico da percepção. Ao serem os desenhistas, os alunos precisam buscar traduzir aquele som, ritmo, palavra, etc, em formas abstratas, levando eles a realizarem associações sonoro-visuais. E ao desempenharem o papel de adivinhadores, precisam estar com o sentido tátil ou visual aguçado, para visualizar uma canção naquele desenho. Portanto, é notável como a oficina possibilita o desenvolvimento da capacidade sinestésica dos alunos, fazendo com que passem a observar as relações entre traço e som como uma potência. Eles exercitam a prática da percepção e transferência, além de usar a arte como forma de expressar suas sensações e emoções. Por fim, o fazer artístico e poético se mostra muito mais divertido e acessível do que era considerado anteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, então, a partir das experiências relatadas, não só o quanto estudos pautados no princípio da sinestesia são valiosos pedagogicamente, mas também a pluralidade de assuntos que cabem nas confluências entre os campos das visualidades e das sonoridades. Realizadas graças à parceria entre os projetos Pibid Artes UERJ e Pibid Artes e Música UFRJ, as oficinas em questão provaram-se grandes oportunidades para que os alunos e os integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência se aprofundassem nessas intersecções, gerando múltiplos resultados positivos e uma extensa aprendizagem. É a união do ruído à imagem, dos sons às cores e aos movimentos, da música ao desenho: é a união da sala de aula, à pesquisa e à arte.

**Palavras-chave:** Arte-educação, Sonoridades, Visualidades.

## REFERÊNCIAS

VAZ, Guilherme. **CRUDE: Música para paredes**. Rio Grande do Sul: 7ª Bienal do Mercosul, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dykgrZ7hQAo&t=60s>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MOULIN, Robson. Significado das cores segundo Kandinsky. **Robson Moulin**, 3 out. 2010. Disponível em: <<http://www.robsonmoulin.com.br/artigos/design/significado-das-cores-segundo-kandinsky/>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

KANDINSKY, Wassily. **Ponto, Linha, Plano: Contribuição para a análise dos elementos picturais**. Lisboa: Edições 70, 1970.



VIII ENALIC

EDIÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

OPPENHEIM, Dennis. **Two stage transfer drawing**: Advancing to a Future State. Boise, 1971. 1 fotografia. Disponível em: <<https://www.dennisaoppenheim.org/copy-of-new-page>>. Acesso em: 26 ago. 2021.